



Profa. Dra. Lucia Santaella

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Lucia Santaella é uma das principais pesquisadoras da semiótica e do pensamento de Charles Peirce no Brasil, contando com mais de quarenta livros publicados. Professora titular da PUC-SP, com doutoramento em Teoria Literária na PUC-SP e livre-docência em Ciências da Comunicação na ECA-USP. Fundadora do Grupo de Pesquisa em Computação, Semiótica e Games (CSGames TIDD) do programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital PUC-SP. Foi coordenadora da pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital; é vice-coordenadora do mesmo programa no momento. Diretora do Centro de Investigação em Mídias Digitais (Cimid) e coordenadora do Centro de Estudos Peirceanos, na PUC-SP. Presidente honorária da Federação Latino-Americana de Semiótica e correspondente brasileira da Academia Argentina de Belas-Artes, eleita em 2002. Foi presidente da Charles S. Peirce Society, EUA (2007). Também é um dos membros do Advisory Board do Peirce Edition Project em Indianápolis, EUA, e um dos membros do *bureau* de coordenadores regionais do International Communicology Institute. Foi ainda membro associado do Interdisziplinäre Arbeitsgruppe für Kulturforschung (Centro de Pesquisa Interdisciplinar em Cultura), Universidade de Kassel, 1999-2009. Recebeu o Prêmio Jabuti em 2002, 2009, 2011 e 2014, o Prêmio Sergio Motta, Liber, em Arte e Tecnologia, em 2005 e o Prêmio Luiz Beltrão, Maturidade Acadêmica, em 2010. Foi professora convidada pelo DAAD na Universidade Livre de Berlim, em 1987, na Universidade de Valência, em 2004, na Universidade de Kassel, em 2009, na Universidade de Évora, em 2010, na Universidad Nacional de las Artes, em Buenos Aires, em 2013-2014, e

na Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México, em 2015. Foi pesquisadora associada no Research Center for Language and Semiotic Studies em Bloomington, Universidade de Indiana, em repetidos estágios de pesquisa, especialmente em 1988, pela Fulbright. Nessa mesma universidade, fez pós-doutorado em 1993, pelo CNPq. Desde 1996, tem feito estágios de pós-doutorado em Kassel, Berlim e no Centro de Pesquisa Dagstuhl, na Alemanha, sob os auspícios do DAAD/Fapesp. Mais de duzentos mestres e doutores defenderam dissertações e teses sob sua orientação, e supervisionou vários pós-doutorados. Tem 42 livros publicados, entre os quais 6 são em coautoria e 2 de estudos críticos. Organizou também a edição de 15 livros. Além dos livros, Lucia Santaella tem perto de quatrocentos artigos publicados em periódicos científicos no Brasil e no exterior. Suas áreas mais recentes de pesquisa são: Comunicação, Semiótica Cognitiva e Computacional, Estéticas Tecnológicas e Filosofia e Metodologia da Ciência.

1. Citando Roland Barthes (“Inumeráveis são as narrativas do mundo.”), a senhora inicia o tópico sobre narração em sua obra *Matrizes da Linguagem e Pensamento* (2001, p. 316). Nesse sentido, as *narrativas do mundo* incluem as *narrativas de vida*?

Por que não? A palavra *mundo* busca aí uma expansão semântica máxima, para nela caberem todos os tipos de narrativas já ditas, contadas, escritas, filmadas, no passado, e todas aquelas que virão a existir no futuro em quaisquer mídias que forem aparecendo e que favorecerem o tipo de discurso que é próprio da narratividade.

Nem todo tipo de discurso é narrativo, é preciso lembrar, para não transformar toda a capacidade de organização verbal humana em um só tipo de organização de linguagem verbal, visual e audiovisual. Há discursos mais abstratos, como as dissertações e argumentações, que encontram seu *habitat* mais legítimo na linguagem verbal, assim como há discursos mais próximos da nossa percepção fenomenológica da realidade, como as descrições, caso em que o verbal não pode competir com as linguagens imagéticas, muito mais poderosas no quesito descritivo. Quanto às *narrativas de vida*, elas são tão gerais quanto o mundo, pois a narrativa implica personagens (humanas ou não) em ação, quer dizer, agentes ou pacientes que conduzem ou sofrem as ações constitutivas da sequencialidade narrativa. A maioria das narrativas é narrativa de vida, do transcorrer da vida. É da vida das personagens que se trata, mesmo que as personagens sejam alegóricas ou que vistam a pele dos animais, como nas fábulas de Esopo, ou ainda que sejam tão fantasiosas ou maravilhosas quanto as aventuras eternas relatadas pelos irmãos Grimm.

2. A EaD tem sido repetidamente desacreditada porque se fala que os alunos dessa modalidade não são verdadeiros membros da comunidade acadêmica.¹ Uma maneira possível de superar esse obstáculo, segundo alegam os autores, é envolvendo os alunos em atividades metacognitivas como as *narrativas de vida*, que exploram as identidades e os estilos de vida e de aprendizagem, bem como mostram o relacionamento dos alunos com seu contexto por meio da análise crítica de sua comunidade e de seu lugar nela. Diante disso, em relação ao espaço de existência, comentado em sua obra *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade* (2007, p. 168), esses alunos estariam deixando suas “marcas de existência na Terra”?

Narrativas de vida é uma expressão bem mais ampla do que querem os autores mencionados. Quase todas as narrativas são narrativas de vida, do acontecer da vida na sua temporalidade. O que os autores parecem querer dizer são relatos em primeira pessoa de experiências vividas por aqueles que fazem os relatos oralmente ou por escrito. Desde a publicação, no Brasil, do livro de Henry Jenkins *Cultura da Convergência* (Aleph, 2008), já se vão oito anos de impregnação dos conceitos de transmídia e de *storytelling* (capacidade de contar histórias) por todos os campos da comunicação, educação, *marketing* e entretenimento. Uma verdadeira mania, como se contar histórias pudesse salvar a humanidade de todas as suas agruras. É fato que o conceito fecundou porque, devido à multiplicação de mídias narrativas (literatura, cinema, quadrinhos, televisão, vídeo, *games*, *fanfictions*, *blogs*) e aos consequentes trânsitos narrativos de uma mídia para a outra, contar histórias, expandir histórias, recriar histórias tornaram-se atividades tão correntes quanto ver o sol se levantar pela manhã. A publicidade e o *marketing* têm feito uso da habilidade de contar histórias como parte de seus *brainstormings* criativos, em uma verdadeira febre narrativa. Diante disso, portanto, o que se deve fazer, especialmente quando se tem a tarefa de educar, é colocar as coisas nos seus devidos lugares, sem hipertrofias.

O discurso narrativo é a mais simples forma de organização discursiva, especialmente para os falantes de línguas indo-europeias, quando se sabe que essas línguas estruturam suas frases em sujeito, predicado, complemento, um embrião narrativo, por si só. Crianças de 4 a 5 anos já apresentam o domínio cognitivo de contar breves histórias, ou seja, dos eventos cotidianos vividos. Mais um pouco e já são capazes de inventar histórias. Muito mais difícil do que narrar é descrever e, cognitivamente, mais difícil ainda é organizar as abstrações do dissertar ou argumentar. É evidente que cabe à formação educacional tornar a capacidade narrativa mais sofisticada e adequa-

¹ GRANGER; BOWMAN, 2003, p. 177 *apud* FESTINO, C. C. *Encontros interculturais na EaD: narrativas de vida dos diferentes Brasis*. Projeto de Pesquisa. 2015.

da ao contexto em que ocorre. Isso não significa, contudo, que contar histórias em primeira pessoa tenha que ser considerada uma atividade metacognitiva privilegiada. Tanto quanto posso ver, ela é bem menos privilegiada do que a capacidade de compreender e organizar ideias abstratas, isto sim uma atividade metacognitiva complexa.

Os problemas da EaD e das críticas que sofre no Brasil advêm do fato de que a EaD é parte de um sistema educacional maior, presencial ou não, que, sem novidade para ninguém, é um grande fracasso, com raras exceções. A EaD apenas recebe as rebarbas dessa falência. Não creio que relatar ocorrência de vida possa mitigar tal falência, que tem raízes muito mais profundas.

Ademais, as redes de relacionamento hoje estão empanturradas de relatos de vida. Não precisamos fazer dos processos educacionais um remédio daquilo que as plataformas das mídias já levam ao paroxismo.

Quanto à sua menção às marcas de existência sobre as quais comento em meu livro, quis me referir a todas as marcas que o ser humano deixa sobre a face da Terra. Tudo o que o ser humano produz e transforma, todas as suas realizações, desde as mais admiráveis até as mais modestas. Relatos de vida, quando não transcendem as circunstâncias circundantes, alçando-se àquilo que chamamos de uma obra criativa, transformadora, podem até fazer um bem psicológico àquele que produz relatos sobre si, mas não deixam de ser modestos.

3. Considerando laços sociais no Twitter, como apontado em seu livro *Redes Sociais Digitais* (2010, p. 89-101), é possível estabelecer que as comunidades virtuais usam de narrativas de vida para serem incluídas socialmente?

No caso das redes sociais, a inclusão social é dada naturalmente. Basta a pessoa se inscrever e postar. Trata-se, entretanto, de um tipo de sociabilidade distinto daquilo que costumávamos

chamar de comunidades geográfica e presencialmente próximas. É claro que nas redes também aparecem narrativas de vida. Na maior parte das vezes, as pessoas falam, fotografam, videografam sobre si mesmas ou sobre aqueles que amam, admiram, ou até mesmo aqueles que detestam. São, porém, narrativas bastante fragmentadas, mais sob a forma de instantâneos vividos que sofrem da descontinuidade, portanto despidas da sequencialidade que é a característica principal do discurso narrativo, como se tem, por exemplo, em um romance ou em um filme e, talvez ainda, no divã de um psicanalista ou no face a face em uma psicoterapia. Em um congresso de que participei há pouco na Alemanha, em uma mesa-redonda sobre a atração que as redes exercem sobre as pessoas, uma jovem relatou seu caso pessoal com o marido. Dizia ela que, ao reclamar ao marido que ele não a ouvia e que estava sempre com mãos e olhos no celular, o marido respondeu: “É que, quando você fala, tenho que ouvir a história inteira, enquanto no celular posso clicar e sair no momento em que não mais me interessa”. Esse relato é bem instrutivo para compreendermos o que anda acontecendo nas nossas vidas.

4. No capítulo “Criar para Não Morrer”, de seu *Miniaturas* (1996, p. 73), percebe-se um contraponto ao que diz Jerome Bruner em seu *Fabricando Histórias* (2002, p. 103) no tocante a que por meio da narrativa é possível construir, reconstruir e talvez reinventar o ontem e o amanhã. Narrativas, então, poderiam somar memória e imaginação?

Certamente, já dizia Riobaldo que a memória faz balancê no vivido. Portanto, mesmo quando tentamos uma fidelidade aos fatos, travamos uma luta com as incertezas e neblinas da memória, de modo que as fronteiras entre memória e imaginação se dissipam. Além disso, há sempre uma dominância de uma ou de outra. É essa dominância que distingue entre a ficção e o documento.

5. Em *A Assinatura das Coisas* (1992, p. 160), a senhora apontou em “A Literatura Hoje” que “a produção de literatura hoje, num sentido global, não se reduz à criação da arte literária em si, mas se dilata e se alarga, chegando a abranger não só as variadas teorias, estudos críticos, interpretações, descrições, comentários, mas também as diferenciadas formas de transmissão e divulgação das próprias teorias e estudos críticos, de um lado, e consequentemente das obras de criação em si, de outro”. Considerando o tempo de lá para cá, a senhora entende que *narrativas de vida* possam ser consideradas literatura?

Você deve conhecer o fenômeno das *fanfictions* nas redes, pessoas, quase sempre jovens, que recontam e recriam histórias literárias, filmicas ou televisivas de que são *fans*. Formam-se comunidades dialogantes de relatos narrativos, por vezes bastante interessantes e ricos. Mas temos que diferenciar as árvores da floresta literária. Há uma distinção a fazer entre obras literárias, que levam a linguagem literária avante, fazem parte constitutiva da arte literária, e a produção literária que é hoje muito fértil, composta por teorias literárias proliferantes, por críticas literárias, discursos professorais sobre literatura, divulgações de obras em rádios, jornais e Internet. Quanto ao que você chama de narrativas de vida, tanto quanto posso ver, é algo que pertence à Pedagogia. Quando bem pensadas e empregadas podem levar à integração grupal dos estudantes, assim como podem levar a uma atividade enfadonha, pois, na maior parte das vezes, nossas histórias de vida, infelizmente, só parecem interessar a nós mesmos. Afinal, quando não se tem a vida cobijada de uma celebridade, a vida comum, rotineira é totalmente desinteressante. No fundo, não se repete senão aquela velha atividade da volta das férias, quando os professores pedem aos alunos que relatem as aventuras vividas e, ao fim e ao cabo, eles falam para ouvidos moucos.

6. Em *Leitura de Imagens* (2012, p. 106) e *Comunicação Ubíqua* (2013, p. 187), a senhora comenta que a literatura encontrou “sua forma otimizada no livro impresso”. No caso de *narrativas de vida* construídas por alunos de EaD, a senhora diria ser natural que essa criação tivesse como “forma otimizada” a narrativa digital?

Literatura sempre foi e até agora continua sendo a arte da palavra. Já perguntavam os formalistas russos, quando criaram o conceito de literariedade: “o que faz uma linguagem ser literária”? Quais são suas propriedades? Ora, essas propriedades estão no trato inovador da linguagem e na capacidade de contar histórias. Grandes narradores são grandes contadores de histórias. Pouco importa se essas histórias estão no papel ou se podem ser lidas no Kindle ou no *tablet*. De uns tempos para cá, estão sendo criadas narrativas que fazem uso dos recursos multimídia e hipermídia das redes digitais como meio para a criação de narrativas híbridas, em que se misturam sons, imagens, vídeos e, certamente, palavras, pois é bom lembrar que nem o cinema mudo podia dispensá-las – tanto é que apareciam nos indicadores verbais de passagens temporais ou de ligações de cenas. No caso da EaD, em que os estudantes estão sempre em uma relação mediada pelas telas, certamente só podem desenvolver seus relatos de vida no teclado e nas telas. Aliás, quem é que ainda usa papel, lápis ou caneta para escrever histórias ou outros tipos de texto? Que eles sejam depois impressos em papel ou em outras formas digitais de memória não significa que deixaram de ser textos, mais eternos do que os mármore e os metais, já dizia Shakespeare.